



**O corpo da palavra na teia poética: sobre três mulheres
poetas, margens e filosofia**

*El cuerpo de la palabra en la red poética: sobre tres mujeres
poetas, márgenes y filosofía*

Renata PIMENTEL¹

Resumo: Este artigo enfoca a poesia de três mulheres que viveram à margem, fora dos circuitos prestigiados socioeconomicamente, ou até radicalmente, em um lixão e em uma instituição psiquiátrica (Orides Fontela, Estamira e Stela do Patrocínio, nesta ordem), mas produziram textos lúcidos, densos e consistentes, tanto como linguagem poética esteticamente bem urdida, quanto em seu teor de questionamento existencial e filosófico ao ser humano. Tomam-se exemplos nessas poéticas para revelar a escrita de uma outra história que questiona o poder e as narrativas oficiais, os quais sistematicamente excluem sujeitos de gênero e posição social periféricos e suas falas, condenando-os à margem, como ilegítimos, ou os estigmatizando sob rótulos 'diagnósticos' de escrita patológica de esquizofrênicos. Como apoios teóricos, estão presentes as reflexões de outro poeta-crítico, como Octavio Paz, e da ficcionista e feminista Chimamanda Adichie, além de pensadores teóricos, como Michel Foucault e Gayatri Spivak, entre outros. Busca-se legitimar essas vozes como produtoras de fissuras estéticas e testemunhos criadores de uma outra história, em versões que apontam processos de esmagamento, vigilância e deslegitimação dos discursos de sujeitos de gênero e posição socioeconômica dissidentes ao status quo patriarcal, branco, rico, burguês. E, ainda, busca-se revelar a legítima qualidade dessas poéticas e a importância de serem lidas, estudadas e ouvidas.

Palavras-chave: Poetas mulheres. Gênero. Subalternidade. Poder. Estudos culturais.

11

Resumen: El enfoque de este artículo es la poesía de tres mujeres que vivían al margen, fuera de los prestigiosos circuitos socioeconómicos, o incluso radicalmente en un basurero y una institución psiquiátrica (Orides Fontela, Estamira y Stela do Patrocínio, en este orden), pero produjeron textos lúcidos y densos. Y, además, un trabajo consistente tanto como lenguaje poético estéticamente bien tejido como en su contenido de cuestionamiento existencial y filosófico del ser humano. Se toman ejemplos en estas poéticas para revelar la escritura de otra historia que cuestiona el poder y las narrativas oficiales, que excluyen sistemáticamente a los sujetos de género periférico y posición social y sus discursos, condenándolos como ilegítimos o estigmatizándolos. bajo las etiquetas de 'diagnóstico' de la escritura esquizofrénica patológica. Los apoyos teóricos incluyen las reflexiones de otro poeta crítico como Octavio Paz y la ficcionista y feminista Chimamanda Adichie, así como pensadores teóricos como Michel Foucault y Gayatri Spivak, entre otros. Buscamos legitimar estas voces como productoras de fisuras y testimonios estéticos que crean otra historia, en versiones que apuntan a procesos de aplastamiento, vigilancia y deslegitimación de los discursos de género disidente y posición socioeconómica al status

<http://dx.doi.org/10.24024/23579897v28n2a2019p11020>

¹ Professora associada na Universidade Federal Rural de Pernambuco | UFRPE | E-mail: renatapimentel@gmail.com

quo patriarcal, blanco, rico y burgués. Y aún, sin embargo, buscamos revelar la calidad legítima de estas poéticas y la importancia de que sean leídas, estudiadas y escuchadas..

Palabras-clave: Mujeres poetas. Género. Subalternidad. Poder. Estudios culturales.

Minha margem é de onde consagro o instante

O ato de nomear confere poder, e isso é mais que sabido em uma consciente construção de discursos e definição de papéis que engendrou tradições supostamente culturais a partir de uma estratégia perversa: naturalizar autênticas ficções conferindo-lhes status de verdades científicas. Este é um legado que nos vem das colonizações imperialistas que se forjam desde a lógica do império romano, copiadas e requintadas tecnologicamente pelas estratégias mercantis das novas metrópoles do mundo dito Moderno. E o parâmetro de civilização que se naturaliza é entender cultura como privilégio de europeus, brancos, homens, guerreiros vitoriosos e possuidores de terra, bens, moeda e voz política, legal e legitimada. E todos os outros passam a ser escória, exotismo, pitoresco, entretenimento casual ou invisibilidade; mesmo se ‘úteis’ apenas como mão de obra barata e proletária ou, sobretudo, se considerados ‘lixos e inutilidades na ordem de produção estabelecida’².

Essas considerações encontram eco naquilo que a escritora nigeriana Chimamanda Adichie muito bem revela em sua palestra ao canal TED, em julho de 2009, intitulada: “O Perigo de uma história única”³. Nessa ocasião, relata seu próprio percurso de formação como leitora – na infância, ainda, e também como leitora de mundo – e como escritora. As experiências de vida e leitura lhe vão apontando reflexões como esta: “Então, é assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão.” Uma história única, portanto, sem contrapontos e autorias divergentes, será sempre consagrada pelos discursos de quem detém o poder, nele se assenta e a partir dessa versão ‘oficial(izada)’ de uma ficção discursiva legitimada como ciência inquestionável, produz estereótipos e cristaliza pessoas, povos, culturas, identidades.

Assim, tenciona-se aqui ‘minar’ essa história única, ao pôr em cena as vozes de três poetas cuja obra possui inegável e profundo teor filosófico, reflexões acerca do humano, mas a partir “da beira” (expressão que alude à fala poética de Estamira, conforme se poderá conferir em trecho citado dela mais adiante), a partir de estórias de vida e moradia, etnia e gênero, formações e visões de mundo percentualmente minoritárias, no sentido de serem exceções ao mais frequente perfil de escritores, poetas, intelectuais. E pelas vozes, experiências e poéticas dessas três mulheres, encontramos um sensível e arguto olhar sobre o humano.

² A título de esclarecimento: as aspas simples querem indicar ironia ao recuperarem enunciações que traduzem o lugar comum dos discursos que oprimem e desqualificam essas escritas aqui postas em foco.

³ Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br> Acesso em: 07 abr. 2016.

E se Chimamanda nos alerta para o poder que instaura essa história única aprisionadora em estereótipos que se condicionam como verdades e subestimam e deslegitimam as vozes dissonantes, trazemos à cena também a voz de Michel Foucault, em seu *Microfísica do Poder*, para nos ajudar a pensar estratégias de ‘miná-lo’:

Luta contra o poder, luta para fazê-lo aparecer e feri-lo onde ele é mais invisível e mais insidioso. Luta não para uma ‘tomada de consciência’ (há muito tempo que a consciência como saber está adquirida pelas massas e que a consciência como sujeito está adquirida, está ocupada pela burguesia), mas para a destruição progressiva e a tomada do poder ao lado de todos aqueles que lutam por ela, e não na retaguarda, para esclarecê-los (1979, p. 71).

As vozes aqui escolhidas são as das poetas Orides Fontela, Estamira e Stela do Patrocínio, a partir de cujos versos buscamos extrair essas tais estratégias de falas que denunciam e ferem as instituições e organizações sociais que as estigmatizam e mantêm à margem, como – no máximo – ‘casos pitorescos’, curiosidades, discursos subalternos, os quais não alcançam grande repercussão de mídia e público, obviamente. Tais poéticas nos parecem acertar em cheio as precariedades dos discursos hegemônicos, ao apontarem suas limitações de visão e, pela força estética de uso do verbo, do logos e do signo, denunciam a imensa consciência política, humana, existencial e social dessas sujeitas de um fazer poético lúcido e muito bem urdido.

2. O corpo da palavra se faz no poema e se presentifica transtemporalmente (poesia, experiência e história)

Octavio Paz⁴, poeta que habitou e distendeu sua própria margem ao seu modo, nos afirma que

O poema, ser de palavras, vai mais além das palavras e a história não esgota o sentido do poema; mas o poema não teria sentido – e nem sequer existência – sem a história, sem a comunidade que o alimenta e à qual alimenta. (...) A palavra poética é histórica em dois sentidos complementares, inseparáveis e contraditórios: no de constituir um produto social e no de ser uma condição prévia à existência de toda sociedade (1996, p. 52).

O poema instaura um tempo arquetípico e passa a ser ele, também, o plasma da história de um povo, de uma cultura. O poema, tantas vezes, deliberadamente nega a história (oficial) ou a ignora, exatamente por conter e explodir a voz dissonante, a voz que restava calada pelo pouco acesso aos espaços para se fazer ouvir:

O poeta fala das coisas que são suas e de seu mundo, mesmo quando nos fala de outros mundos (...). O poeta não escapa à história, inclusive quando a nega ou a ignora. Suas experiências mais secretas ou pessoais se transformam em palavras sociais, históricas. Ao mesmo tempo, e com as mesmas palavras, o poeta diz outra coisa: revela o homem. (...) a condição última do homem, esse movimento que o lança sem cessar para diante, conquistando novos territórios que mal são tocados se tornam cinza, em um renascer e remorrer e renascer contínuos (PAZ, 1996, p. 55).

⁴ Voz poética latino-americana crítica ao colonialismo, tanto em sua poesia como em seus ensaios.

Assim, nos revela do humano, para adentrarmos nas poéticas que aqui elegemos. E principiamos por Orides Fontela, nascida em 1940, na pequena cidade de São João da Boa Vista, no estado de São Paulo. Filha única de pais sem estudos formais. A mãe, semi-analfabeta, o pai analfabeto. Viviam em extrema pobreza, mas viram na possibilidade de fazerem a filha estudar o único caminho de dar a ela voz e vez. Orides acabou por descobrir na palavra, na poesia, o seu único caminho de existência. Mudou-se para a cidade de São Paulo e chegou a concluir a licenciatura em Filosofia, na prestigiada USP. Mas viveu como professora pública de ensino fundamental, poeta que chegou a alcançar um prêmio Jabuti e morreu quase indigente.

Foi descoberta ainda antes de se mudar para a capital, vale salientar, por um crítico e intelectual que fora (tracejados do destino) seu colega de escola na infância interiorana: Davi Arrigucci Jr., então respeitado professor na USP. Assim, poemas da produção inicial de Orides, em um pequeno jornal de São João, caíram nas mãos de Arrigucci, que lhes reconheceu a força e divulgou entre os pares, como o prestigiado professor e sociólogo da Literatura Antonio Candido. Mas nem chegar ao reconhecimento crítico ou a um prêmio de prestígio mudaram os destinos de Orides, como ela mesma dizia:

Meu caminho não podia ser fácil. Para mulher pobre e poeta jamais foi fácil. Sou feminista desde a adolescência. Desde o dia em que meu pai me disse: “Quando você casar, vai obedecer ao seu marido”, e eu respondi: “Não vou casar de jeito nenhum”. (...) Uma mulher professora primária, pobre, sem marido, poeta, neste país, não é possível. (...) Meus filhos seriam mão de obra barata... (...) O menor mal possível é ser pobre e sozinha. E o maior bem possível foi sempre a poesia. (FONTELA *apud* CASTRO, 2015, p. 47).

Uma consciência profunda do mundo, do confronto e da separação cruel de classes (pois que sua origem não lhe permitia efetivamente fazer parte desta tal ‘classe média’, apesar do estudo verticalizado da filosofia). Deixou anotado em seu breve artigo intitulado “Sobre poesia e filosofia – um depoimento”: “A filosofia não me deu a resposta, a poesia só dá intuições...” (FONTELA *apud* CASTRO, 2015, p. 221 – anexos). Já se nomeava feminista e sabia que não havia espaço para constituir família e ser indivíduo feminino criador e autônomo na lógica patriarcal e conservadora que a cercava. Uma incapacidade de se enquadrar no que lhe era imposto, uma aguda visão da miséria humana pela via da poesia, único bem que lhe restou de motivo existencial:

A poesia é/ impossível
O amor é mais/ que impossível
A vida, a morte loucamente/ impossíveis
Só a estrela, só a/ estrela/ existe
- Só existe o impossível.
(FONTELA *apud* CASTRO, 2015, p. 42)

Não gostava de ser chamada de ‘poetisa’, considerava uma “humilhação por gênero”. Era POETA. No poema “Fala”, revela a aguda lucidez sobre a língua, sobre a força irrefreável do verbo, sobre o poder de nomear (aludindo a como iniciamos este artigo), e denuncia que a consciência extrema do ser despedaça: o humano é impiedoso, cruel, fere e esmaga

seus semelhantes. Quando não estão eles como partes ‘úteis’ da máquina do capital e servindo às relações de poder, sem contra elas se rebelarem, serão condenados à margem:

Tudo/ será difícil de dizer:/ a palavra real/ nunca é suave.
Tudo será duro:/ luz impiedosa/ excessiva vivência/ consciência demais do ser.
Tudo será/ capaz de ferir. Será/ agressivamente real./ **Tão real que nos despedaça.**
Não há piedade nos signos/ e nem no amor: o ser/ é excessivamente lúcido/ e a palavra é densa e nos fere.
(Toda palavra é crueldade.)
(Poesia reunida, 2006, p. 31 - grifos nossos)

E se toda palavra é, de fato, crueldade, o que dizer de seres humanos condenados a viver no lixo e dele retirar sustento seu e de suas famílias? Daquilo que a sociedade espetacular e descartabilista rejeita, refuga, esconde e lança a quilômetros de seus olhos “asépticos” e higienizados, aparece-nos agora a segunda voz poética sobre a qual lançamos luz: a quase invisível Estamira, que trabalhou durante décadas como catadora no lixão do Aterro Sanitário de Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro, de onde se ausentou apenas nas vezes em que foi recolhida a uma instituição psiquiátrica. Desde criança, sua trajetória é de sobrevivente e combatente da vida e do verbo: abusada na infância pelo avô, prostituída, internada e medicalizada, pela oralidade, pois analfabeta de escrita, compõe uma obra de extrato existencial, contestadora da sociedade tecnologicista e descartadora, produtora do lixo no qual ela amava habitar e trabalhar e dele viver.

Dela, nos diz o professor Peter Pál Pelbart (*in*: SOUZA, Estamira Gomes de. *Estamira: fragmentos de um mundo em abismo*. Introdução Peter Pál Pelbart; coordenação editorial Ricardo Muniz Fernandes. SP: N-1 Edições, 2013), na introdução à publicação de uma coletânea de fragmentos do discurso desta mulher, (baseado no documentário homônimo de Marcos Prado, 2004):

Estamira não é a caricatura doida de uma denúncia politicamente correta, mas a dramatização brasileira, por vezes roseana, do perigo e da salvação, do demo capitalístico em meio ao lixão da nossa cultura, nesse ponto onde a esquizofrenia e o capitalismo se cruzam e se espocam, onde a terra vomita “ao avesso” o que nela querem esconder, liberando um murmúrio que trespassa o socius e o cosmos – e vai além dele (PELBART *apud* SOUZA, 2013, p. 06).

Comparada sua dicção de sintaxe poética e seu inventário léxico fabulador ao de um dos maiores e mais reconhecidos escritores brasileiros, Guimarães Rosa, que retorce a língua ao seu grau máximo de signo poético, assim Pelbart lê Estamira. E confere-lhe parentesco ao criador do *Grande sertão: veredas*.

Estamira, consciente de si como vivente ‘na beira do mundo’, sabe que não está comprometida com o modo destruidor desta lógica social esmagadora e, jorrando sua fala poética, profética, mística e muito política, desafia os Poderes na Terra e sabe-se maior e mais poderosa: “A minha missão, além d’eu ser Estamira, é revelar a verdade, somente a verdade” (2013, p. 10). E desmascarar os “espertos ao contrário”, denunciando o grande engodo do mundo, que nomeia de ‘Trocadilo’: uma espécie de entidade

que não se mostra, mas está por toda parte e é “maldiçoado, excomungado, hipócrita, safado, canalha, indigno, incompetente, sabe o que ele fez? Mentir pros homens, seduzir os homens, cegar os homens, incentivar os homens e depois jogar no abismo” (2013, p. 11). Sabendo que sua força é imensa: “A minha carne, o sangue, é indefesa, como a Terra; mas eu, a minha áurea não é indefesa não” (2013, p. 4). E descortina as guerras, os maltratos à natureza, a descartabilidade e o desperdício de usar sem parcimônia e produzir lixo em excesso, as guerras, as imposições de poder, as tentativas de enquadrá-la como louca e aliená-la com medicações psiquiátricas, os ataques à ecologia, a desigualdade social, as agruras de Cristo e a invenção de Deus pelos homens, entre outros temas de profunda importância existencial, religiosa, política e humana. Colhamos uma seleção significativa dessa fala:

Isso aqui é um depósito dos restos. Às vezes é só resto, e às vezes vem também descuido, Resto e descuido. Quem revelou o homem como único condicional ensinou ele conservar as coisas, e conservar as coisas é proteger, lavar, limpar e usar mais o quanto pode. (...) Economizar as coisas é maravilhoso, porque quem economiza tem. Então as pessoas têm que prestar atenção no que eles usam, no que eles têm, porque ficar sem é muito ruim. (p. 14-15) Que Deus é esse? Que Jesus é esse, que só fala em guerra e não sei o quê? (SOUZA, 2013, p. 32).

Isso aqui é um disfarce de escravo. Escravo disfarçado de liberto, de libertado. A [princesa] Isabel, ela soltou eles, né? E não deu emprego pros escravos, passam fome, come qualquer coisa, igual os animais. Não tem educação. É, então, é muito triste. (...) O homem não pode ser incivilizado, todos homens têm que ser iguais, têm que ser comunistas. Comunismo. Comunismo é a igualdade. Não é obrigado todos trabalhar num serviço só, não é obrigado todos comer uma coisa só. (...) e o homem é o único condicional, seja que cor for. (...) A morte é dona de tudo. Deus, quem fez Deus foi os homens (SOUZA, 2013, p. 46-49).

Estamira se coaduna ao que observa Michel Foucault, ainda no *Microfísica do Poder*: “As mulheres, os prisioneiros, os soldados, os doentes nos hospitais, os homossexuais iniciaram uma luta específica contra a forma particular de poder, de coerção, de controle que se exerce sobre eles” (1979, p. 78). Estamira sabe que o poder é repressor, se traveste de discurso religioso para enganar; não ensina nem estimula a preservação e um uso prolongado dos bens; dopa os lúcidos e críticos ao sistema como loucos com medicamentos que os anestesiaram, porque teme sempre o fantasma do comunismo, da comunhão e de uma sociedade fraterna. Da ‘beira do mundo’, tachada de louca, feiticeira, dejetivo humano e catadora de lixo, a voz de Estamira surpreende em lucidez e contundência. E, seja lá de que cor for, nos sublinha ela, o único condicional é o fato de sermos todos humanos, nossa igualdade maior que deveria ser o imperativo (a que chama atenção, também, Chimamanda Adichie, na sua palestra aqui já mencionada).

E dessa ‘cor outra’, de escravizados libertos, mas não respeitados ou inseridos como seres importantes nesta sociedade supostamente civilizada e que hierarquiza seus membros, sentenciando alguns tantos deles à margem e tentando a todo custo silenciá-los, surge a terceira voz poética aqui posta em foco: Stela do Patrocínio. Negra, alta, descrita como tendo um porte muito digno, pouco se sabe de seu passado e boa parte das informações não puderam ser confirmadas. Sabe-se que nasceu em 1941, dizia-se solteira,

doméstica de profissão e que obtivera instrução secundária (o atual ensino médio). Nunca se confirmou endereço seu ou do suposto sobrinho que dizia ser por ela responsável. Iniciou sua vida de interna e “doente mental” em 1962, aos 21 anos, no Centro Psiquiátrico Pedro II (no Rio de Janeiro) e, em 1966, foi transferida para a Colônia Juliano Moreira, na mesma cidade, onde permaneceu por cerca de trinta anos.

Stela foi uma sobrevivente desse sistema de apagamento das individualidades e subjetividades, no qual o tratamento supostamente científico se reduz a controlar e amontoar os corpos, sob medicamentos que lhes deixam apáticos.

A voz de Stela acabou por se impor, por ser ouvida, ao menos, por quem a fez ser impressa e publicada. Comportava-se com serenidade e altivez, era de fácil trato e acabou por ter sua poética gravada graças à sensibilidade de voluntários alunos de artes plásticas e pesquisadores, engajados na reforma dos métodos arcaicos de tratamento dos internos em asilos como a Colônia Juliano Moreira. Inserir sua obra no circuito cultural, fazê-la lida e conhecida é caminho para que se abra a discussão para as relações entre linguagem, loucura e arte. Entre tantos outros inegáveis e reconhecidos nomes como Lima Barreto, Antonin Artaud, Jean Genet, Nijinski, que deixaram seus registros artísticos e suas reflexões em diários e passaram, eles também, por instituições médico-psiquiátricas ou policiais, vemos que a arte é, ela própria, diversas vezes tomada como perigoso discurso de subversão, alvo de censura e de tentativa de controle pelos órgãos de poder. E deixemos Stela do Patrocínio nos falar:

Eu estava com saúde/ Adoeci/ Eu não ia adoecer sozinha não/ mas eu estava com saúde/ Estava com muita saúde/ me adoeceram/ me internaram no hospital e me deixaram internada/ E agora eu vivo nos hospital como doente./ O hospital parece uma casa/ O hospital é um hospital (PATROCÍNIO, 2009, p. 43).

O remédio que eu tomo me faz passar mal/ eu não gosto de tomar remédio pra ficar passando mal. (...) Estar internada é ficar todo dia presa/ Eu não posso sair, não deixam eu passar pelo portão (...) Eu estou aqui há vinte e cinco anos ou mais (PATROCÍNIO, 2009, p. 46-47).

Eu sou Stela do Patrocínio/ bem patrocinada/ estou sentada numa cadeira/ pegada numa mesa nega preta e crioula/ eu sou uma nega preta e crioula/ que a Ana me disse./ Vim de importante família/ Família de cientistas, de aviadores, de criança precoce prodígio poderes/ milagres mistério (PATROCÍNIO, 2009, p. 58-59).

São tantas as construções poéticas em que Stela elabora imagens do lugar, de si mesma e reflete sobre seu confinamento, sobre os remédios que a adoecem, porque lhe tiram o apetite de viver e pensar; sabe de sua cor e de sua origem, sabe que é uma sobrevivente:

É a mesma mulher é o mesmo homem é a mesma criança é o mesmo bicho é o mesmo animal é o mesmo espírito é a mesma alma é o mesmo Deus é a mesma Nossa Senhora é o mesmo Menino Jesus no tempo./ O tempo é o gás, o ar, o espaço vazio (PATROCÍNIO, 2009, p. 84-85).

Eu não tenho coragem de enfrentar nada/ eu tenho que enfrentar a violência/ a brutalidade e a grosseria/ e ir à luta pelo pão de cada dia (PATROCÍNIO, 2009, p. 114).

Eu sou mundial pobre/ tudo pra mim é merda durinha à vontade/ Até ser contaminada e contaminada até ser merda pura/ e é merda fezes excremento bosta cocô/ bicha lombriga verme pus ferida vômito escarro porra/ diarreia disenteria água de bosta e caganeira (PATROCÍNIO, 2009, p. 115).

Novamente vemos nesses excertos temas de reflexão profunda, sob a forma paralelística que põe em evidência a força do signo e suas possibilidades de condensação e expansão de sentidos – próprio da linguagem poética – que revelam integração do mundo neste vazio de invenção humana: gente independente de gênero, animais, crianças, a invenção de Deus e das entidades da religião (Nossa Senhora e Jesus) tudo forjado no ar, no vazio, no espaço da imaginação humana e seu desejo de compreender-se, de transcender. E a necessidade de lutar contra a brutalidade e a violência de ser uma mulher negra, enclausurada e condenada como louca, interdita em sua liberdade vital e essencial que a converte em “mundial pobre” chafurdando em merda e excremento, ao ponto de nela se fundir. Força de um verbo rebelado; força de uma voz poética que emerge do silenciado para denunciar os vãos escuros e fétidos onde a sociedade de consumo lança os pobres, pretos, despossuídos, que não se acomodam ao *modus operandi*. Se Stela tivesse permanecido doméstica estaria mais livre que no Manicômio? Ou apenas seguiria “nega preta crioula” estuprada, explorada, marginalizada e sem voz?

Das suas experiências vitais e das marcas em seus corpos violentados, essas três poetisas encarnam um verbo que é sua arma de denúncia, de produção de uma história que restava silenciada sob este ponto de vista de sujeitas inteligentes, capazes de articular estética e politicamente um pensamento que implode as camisas de força a elas impostas. Temos uma outra via da história a recontar nossas relações sociais, econômicas, raciais, de gênero...

3. Pode, então, o subalterno falar? (Algumas breves considerações nunca finais)

Nosso percurso não se compreende capaz de esgotar, é óbvio, em tão poucas páginas, o poder de denúncia e instauração de outra percepção de mundo, de outra concepção de história, pulsantes nas poéticas aqui presentes. Intentamos jogar luz sobre essas poetisas fora dos holofotes e legitimações oficiais, justamente por entendermos a força daquilo que revelam e de como elaboram seus olhares de si mesmas, como se constroem enquanto sujeitos históricos críticos ao sistema que as exclui e tenta silenciar. Suas identidades precisam proliferar, para que possam chegar a mais leitores sensíveis e atentos; para desanestesiarem nossas sensibilidades acadêmicas tantas vezes acomodadas e pouco afeitas a buscar esses desafios de pensar e legitimar poéticas não canônicas e tão desafiadoras.

Norteia nosso trabalho a proposta arrojada de Gayatri Spivak (em *Pode o subalterno falar?*, 2010), intelectual indiana, militante nos estudos culturais pós-colonialistas e de base desconstrutivista, professora e autora da nossa pergunta-base: pode o subalterno falar? a qual intitula um livro seu, no qual defende que os intelectuais precisam se tornar sensíveis a estes discursos dos subalternos, alteridades que também nos habitam, que são nosso próximo (ao modo brechtiano, ele também um artista e intelectual a se saber parte da burguesia, mas que se alinha à busca por conscientização política do proletário, na busca de uma sociedade mais humanitária, menos injusta).

Ignorar esta parcela imensa é perpetuar uma lógica de expropriação e desumanidade que só gera mais corrente de violências, de terror, de instabilidades e guerras. Perpetrar a marginalização dessas vozes é arriscar-se a permanecer também vítima potencial das estruturas da ideologia masculina imperialista. É preciso vigilância e permanente atenção para se desaprenderem os discursos estereotipados naturalizados em nós, as armadilhas dos pensamentos preconcebidos e excludentes que podem recair sobre nós, como as próximas vítimas das instituições de vigilância, punição, alienação e confisco de liberdade.

E como a arte é sempre este terreno do susto, da desconstrução dos pensamentos rasos, e o artista é sempre uma figura meio louca, meio exótica, meio estrangeira, exatamente para comprometer-se com um olhar que desvela novos reais e aponta mazelas humanas, deixemos falar estas figuras há tanto caladas, pois elas têm demais a dizer: pelos tantos anos em que lhes foi vedada a palavra, o poder de expressão, a estima de si. Concluímos com as sábias palavras de Alberto Manguel:

Todo grupo que é objeto de preconceito tem isto a dizer: somos a língua em que somos falados, somos as imagens em que somos reconhecidos, somos a história que somos condenados a lembrar porque fomos barrados de um papel ativo no presente. Mas somos também a língua em que questionamos essas pressuposições, as imagens com que invalidamos os estereótipos. E somos também o tempo em que vivemos, um tempo de que não podemos nos ausentar. Temos uma existência própria, e não estamos mais dispostos a permanecer imaginários (MANGUEL, 2000, p. 35).

Que mais vozes e mais corpos como os dessas três poetas aqui evocadas ecoem entre leitores, entre pesquisadores, nos espaços mais variados, e congreguem e contaminem e reverberem, para modificar nossa percepção da/do Outra/o, para tocar nossa capacidade de exercer alteridade e simpatia. Nossas singularidades irmanadas ampliam nossa sensibilidade e, apenas assim, podemos ser uma comunidade fraterna mais forte, que consegue desarticular as armadilhas do encarceramento e de nossa vitimação alienada como marionetes dos poderes podres instituídos na violenta ordem regente deste mundo.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma história única [palestra ao canal TED], julho, 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br. Acesso em: 07 abr. 2016.
- CASTRO, Gustavo de. **O enigma Orides**. São Paulo: Hedra, 2015.
- FONTELA, Orides. **Poesia reunida**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- MANGUEL, Alberto. **No bosque do espelho**: ensaios sobre as palavras e o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- PATROCÍNIO, Stela do. **Reino dos bichos e dos animais é o meu nome**. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2009.
- PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

PELBART, Peter Pál. Introdução. *In*: SOUZA, Estamira Gomes de. **Estamira**: fragmentos de um mundo em abismo. São Paulo: N1 edições, 2013.

PRADO, Marcos. **Estamira**, 2004. 1 Vídeo (1:52:23). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ibuo079DGF8>.

SOUZA, Estamira Gomes de. **Estamira**: fragmentos de um mundo em abismo. São Paulo: N1 edições, 2013.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

Recebido em: 22.10.2019

Aprovado em: 28.10.2019

Para referenciar este texto:

PIMENTEL. Renata. O corpo da palavra na teia poética: sobre três mulheres poetas, margens e filosofia. **Lumen**, Recife, v. 28, n. 2, p. 11-20, jul./dez. 2019.